

ABC DO AMOR

Ainda assim, a honestidade permite com que eles avancem contra esses desafios que aparecem no meio do caminho. “Para ficar mais fácil o entendimento, definimos nosso relacionamento como aberto, mas não é que está aberto para outras pessoas entrarem, não somos poligâmicos, temos somente um vínculo romântico que é entre nós mesmos. Já estive em outro relacionamento, antes da Violeta, que era monogâmico. Sendo não monogâmica sentia que não era totalmente honesto com minha parceira, e a relação foi se desgastando com o tempo.”

Hoje, Eduardo se diz feliz com tudo o que tem vivido, apesar dos estresses e das brigas, a crença na continuidade do amor é que faz ambos serem felizes juntos. E mais que isso, ele acredita que a parceira é a pessoa que mais lhe conhece no mundo, permitindo que o jovem experimente o amor na sua forma mais pura, como nunca vivenciado em qualquer outra experiência no passado.

Paciência é a chave

“O que mais valorizo em um relacionamento é a sinceridade.” Violeta acredita que a autonomia e a liberdade para falar sobre os interesses de cada um é essencial para a manutenção diária do vínculo com Eduardo. Dentro da relação aberta, muitos acreditam que a convivência é bagunçada, em que tudo é liberado. Ela afirma que não é bem assim que os acordos funcionam. A jovem, inclusive, decidiu recentemente que não está muito disposta a se envolver com outra pessoa além do atual companheiro.

“Sei que não teria disposição e inteligência emocional, nesse momento, para lidar com mais de uma relação. Mas, caso isso mude, e eu sinta vontade de conhecer alguém, conversaria com ele, pois temos abertura para que diálogos como esse aconteçam, e para que a gente saiba como cada um está lidando consigo mesmo e com o relacionamento. A manutenção desses acordos acaba por ter desgaste às vezes, porque a monogamia é algo que estamos em contato desde sempre. É necessário uma demanda de atenção e paciência para desconstruí-la dentro da não monogamia.”

Para Violeta, é sobre reconhecer onde ainda erram, e o que já estão prontos para viver ou não. No entanto, é fundamental que haja espaço, sempre, para a comunicação. Pois é nesse pilar em que se firmam para vulnerabilizar sentimentos e se entenderem na medida em que empecilhos aparecem. Passar por todos os tipos de situações, juntos, é crucial para o desenvolvimento dessa confiança mútua. Com isso, os dois administram da melhor maneira a convivência que possuem.

Nos últimos anos, a sexóloga, psicóloga e mentora em não monogamia consensual Marina Rotty percebeu um grande aumento nas relações não convencionais. “A pandemia foi um momento importante na história dos relacionamentos, em que nos foi dada a oportunidade de realmente conviver com nossas parcerias.”

Para Marina, foi possível identificar que nem tudo funcionava como se imaginava, fazendo com que parceiros insatisfeitos com suas relações procurassem alternativas mais adequadas. “E como o divórcio costuma ser o último recurso, muitos casais saíram em busca de ver o que anda funcionando para outras pessoas”, afirma.

Nessa busca para diversificar a relação existente ou então engatar em uma nova, não é difícil ficar perdido com tantos conceitos. Para Marina, um caminho é ver os relacionamentos em dois grupos, exclusivos e não exclusivos. “E dentro de cada relacionamento, também temos dois eixos: afetivo e sexual. Cada parceria se encontra em um ou mais pontos dentro desses quatro eixos”, detalha.

De acordo com Marina, os mais falados hoje são:

- **Monogamia:** relação exclusiva, tanto sexual quanto afetiva.
- **Relacionamento aberto:** relação exclusiva no campo afetivo e não exclusiva no campo sexual.
- **Não monogamia:** relação não exclusiva, nem no campo afetivo nem no sexual.

Além disso, a especialista esclarece que outras relações, como swingers, liberais e poliamoristas — em que se encaixam os trísais — estariam

dentro do termo Não Monogamia Consensual (NMC). “O NMC é utilizado em pesquisas acadêmicas para se referir ao conjunto de relacionamentos onde há um núcleo principal, no caso, um casal ou uma parceria”, afirma Marina. Esse núcleo está sempre em primeiro plano, por exemplo: um casal cis, em que ele ou ela decidem juntos onde, quando e com quem um ou outro vai se relacionar.

Segundo Marina Rotty, nesse consenso, eles podem interferir na escolha um do outro, deixando ou não, que o envolvimento com um terceiro aconteça. Apesar desses termos, a psicóloga ressalta que o ideal seria que cada casal encontrasse sua forma de se relacionar. “Além disso, nem todos os que vivem relações não convencionais concordam, gostam ou se rotulam com esses termos.”

Especialista em relações não convencionais, de 10 anos em consultório, quatro deles focados no tema, Marina percebeu, durante seus atendimentos, uma tendência individual que chamou de orientação relacional. “Apesar de escassos, já existem estudos e pesquisas que identificaram algo semelhante: cada pessoa teria uma espécie de vocação para se relacionar de uma forma exclusiva, monogâmica ou não exclusiva em algum nível”, afirma.

Assim, Marina ajuda cada casal a identificar a própria orientação relacional e, a partir disso, criar junto o próprio formato de relacionamento. Mesmo que cada parceria seja única, Marina indica três passos antes de entrar em um relacionamento fora do convencional: conhecer o que já existe sobre relações fora do padrão; conhecer a si mesmo e se deixar conhecer — é importante jogar aberto para que essas relações, de fato, funcionem.

Sobre paixão e ciúmes

A não monogamia prevê que o afeto está presente e pode ser construído de diversas formas. “É importante estarmos abertos para que nossos parceiros venham a se apaixonar por outras pessoas e que isso não diminua a paixão por nós. Nesse momento, pode ser uma corda bamba, pois muitos ainda tendem a negligenciar seus afetos mais antigos quando novos afetos chegam”, ressalta o antropólogo Matheus Viana.

Os acordos dentro da não monogamia visam a confiança, comunicar os desconfortos e acreditar no parceiro. Dizer o que precisa ser dito, sem rodeios, para que a relação esteja acima de qualquer egocentrismo.

“Em relação ao ciúme, é uma coisa complexa. Antônio Pilão fala disso no seu livro *Infinitos amores*,

e basicamente nos mostra que: sim, existe ciúmes na não monogamia e, inclusive, relacionado à posse. A principal coisa — que não é necessariamente uma diferença para a monogamia — é o entendimento que ciúme é um sentimento como qualquer outro, não tem essa de ser feio. Ele precisa ser sentido e comunicado, para que tenha resolução.”

Para Matheus, dentro dessa lógica, também há um ciúme, esse mais comum, que não é relacionado à posse, mas, sim, às vontades individuais. “Quando há um combinado de ver um filme juntos e a pessoa assiste com outra (familiar, amigo ou amores), existe a possibilidade do ciúme, com essas quebras de combinado, e que também é supernormal e precisa ter resolução.”

***Estagiária sob a supervisão de Sibeles Negromonte**